

Rota Turística do Jogo do Pau em Cabeceiras de Basto: Breve Introdução à Representação Social desta Maestria na Literatura Portuguesa

Lídia Aguiar ^{a*} e Rita Ribeiro ^a

^a ISCET – Instituto Superior de Ciências Empresariais e do Turismo, Porto, Portugal

Info	Resumo
<i>Palavras-chave:</i> Jogo do Pau Literatura portuguesa Representações sociais Rota em Cabeceiras de Basto	O Jogo do Pau é uma arte de luta que se desenvolveu particularmente nos meios rurais, onde o pau se tornou uma arma de fácil acesso, sendo que as armas de fogo rareavam. No Norte de Portugal, até meados do século XX, imperava uma sociedade campesina que obrigava à defesa, fosse de simples animais selvagens, ou de graves quezílias sobre questões várias, como águas, terrenos, mulheres. Foi neste contexto social que o jogo do pau se desenvolveu com uma técnica rude e viril. Com a abertura desta sociedade rural à urbanidade e consequente emigração das populações, esta arte chegou às cidades, onde necessariamente se adaptou. Todavia, os grandes acertos de contas transmitiam um cariz cultural às regiões de origem, que grandes autores da literatura portuguesa transcrevem, através dos seus contos. No presente artigo pretende-se apresentar uma breve viagem, através da literatura portuguesa. Metodologicamente optou-se por citar três obras, e assim, criar um itinerário, transportando o leitor até Cabeceiras de Basto, concelho que tem em curso uma candidatura do Jogo do Pau a Património Imaterial de Portugal. Recorreu-se a uma revisão de bibliografia e ao trabalho de campo efetuado pelas autoras no âmbito do estudo a submeter na referida candidatura.

Introdução

Neste artigo pretende-se dar a conhecer a arte do Jogo do Pau em Cabeceiras de Basto, maestria que tem a decorrer uma candidatura a Património Imaterial de Portugal.

Para que o leitor se renda a esta arte, procedeu-se em primeiro lugar a uma revisão de literatura, fazendo um breve enquadramento ao estudo científico que as autoras têm em curso para submeter na plataforma MatrizPCI¹. Esta plataforma é domínio da Direção Geral do Património Cultural. Devem ser cumpridas todas as normas legais para a submissão da candidatura, o que exige um longo trabalho de pesquisa e contacto com as populações detentoras do património imaterial.

No capítulo seguinte, para demonstrar a importância social que o Jogo do Pau teve nas sociedades campesinas, antes da sua abertura à urbanidade, recorreu-se à seleção de três grandes autores da literatura portuguesa que retrataram, nos seus romances, esta maestria e dela fizeram excelentes representações sociais.

Por último, elaborou-se uma rota do Jogo do Pau em Cabeceiras de Basto, que muito embora, não seja de todo exaustiva, leva a quem a percorrer os principais patrimónios naturais e culturais que deram origem à arte do Jogo do Pau e em particular ao desenvolvimento das suas técnicas e táticas, fazendo com que Cabeceiras de

Basto se diferenciasse pela qualidade de alguns mestres que souberam transmitir todo este seu saber às gerações mais novas.

Metodologicamente as autoras sustentaram-se na literatura portuguesa para demonstrar as representações sociais desta arte. O enquadramento ao estudo, bem como na rota elaborada fundamentaram-se numa revisão de bibliografia sobre a maestria, bem como, recaindo no património natural e cultural de Cabeceiras de Basto, usando o seu próprio trabalho de campo que lhes permitiu adquirir conhecimentos amplos sobre o território e suas tradições. Observa-se que atualmente urge preservar todo este saber, de uma arte rude e viril, mas que é usada apenas como exibição, pois é cultura e tradição.

1. Enquadramento ao Estudo

O Jogo do Pau é uma técnica de luta que utiliza um pau redondo, com uma altura que vai até ao nariz do homem que o utiliza. Quando manejado com destreza pode proporcionar uma defesa eficaz perante vários inimigos e perigos.

Genericamente podemos encontrar este jogo em todo o mundo. Todavia, os tamanhos dos paus variam, bem com as técnicas e táticas e particularmente os usos, criando, assim, marcas distintivas profundas entre si (Russo, 1980).

¹ Obrigação legal para início da Candidatura a Património Imaterial de Portugal.

* Endereço eletrónico: laguiar@iscet.pt (L. Aguiar)

Journal homepage: <http://percursouseideias.iscet.pt>



Em Portugal, particularmente no Norte do país, com alguma predominância no Minho e Trás-os-Montes, desenvolveu-se uma técnica muito eficaz, adaptada ao meio rural e serrano da sociedade campesina em que se desenvolveu. Tornando-se uma arma de defesa ou de ataque, converteu-se o pau, ou varapau, num companheiro de caminhada de todos os moços e homens que se faziam ao caminho para trabalhar nos campos ou subir às serras com os seus rebanhos. Nestas sociedades, onde a lei do mais forte imperava, para um jovem, possuir o seu próprio pau e bem saber manejá-lo, correspondia a sentir-se armado cavaleiro, como em tempos medievais (Caçador, 1963).

Na realidade treinavam-se arduamente, jogando entre si e não raras eram as vezes em que os pais, para que os rapazes se tornassem verdadeiros homens perante a sociedade, os enviavam a treinar com velhos mestres que se faziam pagar bem pelas suas aulas, para se tornarem hábeis no manejo do pau. Nestas aulas treinavam-se longas horas, muitas vezes durante a noite até ao nascer do dia, tal era a importância de bem saber jogar o pau perante a sociedade (Hopfer, 1924).

Nestes territórios todos os problemas se resolviam à paulada, fossem eles águas de consorte, namoros, ou qualquer outra quezília. E não havia romaria nem feira que não terminasse com uma boa paulada, pois os moços tinham que demonstrar a sua destreza nesta arte tão respeitada (Lopes, 2020).

Se é certo que cabe à sociologia e à antropologia fazer os estudos consistentes sobre os comportamentos destas sociedades e à história e particularmente à etnografia verificar a evolução da arte do Jogo do Pau, nomeadamente em Cabeceiras de Basto, concelho onde a excelência da prática se mantém, decorrendo uma candidatura a Património Imaterial de Portugal, considera-se ter alguma relevância verificar como esta arte nos surge representada na literatura portuguesa.

Recolheram-se romances de autores reputados, onde estão bem vincadas as “representações sociais” ligadas a esta prática. Os excertos que aqui se transcrevem, inseridos no imaginário dos autores, transportam-nos para uma sociedade rural, onde a personagem masculina fica vinculada por ser rude e viril, marcas que ainda hoje podemos verificar no Jogo do Pau das duas escolas de Cabeceiras de Basto.

Simultaneamente somos transportados para outra realidade dos meios rurais, a emigração.

Com efeito, a emigração foi uma constante desde sempre nos meios rurais. A vida dura e difícil obrigava os jovens a partir, procurando melhores condições de vida, mas também a fuga ao serviço militar é uma constante, como veremos através das narrativas dos autores.

Em suma, através da apresentação deste corpus literário pode-se verificar como o jogo do pau era conhecido pelos autores e como estes o integraram perfeitamente na realidade social em que ele se desenvolveu, no norte de Portugal, com as características com que hoje se apresenta, apesar de se ter tornado um jogo lúdico que pretende recriar a cultura e tradição das sociedades que lhe deram origem.

2. Apresentação do Corpus Literário

2.1. *O Senhor Ventura – Miguel Torga (1943 – 1ª edição)*

Miguel Torga é o pseudónimo de Adolfo Correia da Rocha. Nasceu na aldeia de São Martinho de Anta, em Sabrosa, Trás-os-Montes. Courseou Medicina em Coimbra, terminando o curso em 1933, foi exercer a profissão para Miranda do Corvo. Alguns anos mais tarde regressa à cidade de Coimbra onde se fixa definitivamente. É a partir de 1936 que começa a utilizar o pseudónimo que o tornou celebre. Deixou uma vasta e prestigiosa obra em prosa, poesia e teatro.

É uma novela que retrata a vida de um português que irá viajar pelo mundo, possuir vários negócios, ter sucesso e insucesso. Uma história comum a tantos outros portugueses que percorreram vários pontos do planeta, confirmando a universalidade portuguesa.

Neste conto “O Sr. Ventura”, principal personagem de toda a trama, saiu de Penedono, no Alentejo, já na idade de cumprir o serviço militar. Fez a recruta em Lisboa e logo foi mobilizado para Macau. Nesta ex-província ultramarina, o Sr. Ventura perde-se de amores por Júlia, uma linda moça, filha do secretário do Governador. Apresentada a queixa, o comandante manda fazer guarda rigorosa durante a noite, sendo o Sr. Ventura quase apanhado. Não lhe sobrou outra hipótese que não fugir rápido para o porto e embarcar no primeiro navio que zarpasse. Foi, desta forma, dado como desertor, pelo que não poderia voltar nos anos mais próximos a Portugal. Aportou em Pequim, onde começou a trabalhar numa garagem e aí conheceu o Pereira, de alcunha o Minhoto, também ele desertor. Com uns dinheiritos que juntou e dado que o Pereira tinha um jeito especial para cozinhar, abriu numa rua escura, junto ao porto, um pequeno restaurante de comida portuguesa. O negócio proliferava e o Pereira trabalhava arduamente, enquanto o Sr. Ventura só vinha dar uma ajuda nos dias de mais movimento (Torga, 1943).

“Um dia, porém, uns marinheiros americanos deram cabo daquela felicidade. Entraram, começaram a carregar no Porto, embebedaram-se, e às tantas insultaram o Minhoto. Sem saberem os coitados, que o Pereira, além de cozinhar assim, jogava o pau. Quando o viram sair de lá dos fundos da cozinha de cacete na mão, os do mar, fiados nas leis do box e na musculatura yankee, riram-se. Mas o Pereira cerrou-lhes os lábios de uma assentada. Salta para o meio deles, malha daqui, torce dali, parecia que estava a varrer a festa de São Bento da Porta Aberta. Em menos de um fosforo tinha a casa limpa.”

Através deste excerto podemos constatar que o Pereira, de alcunha o Minhoto, pelo que se deduz originário do Minho, onde a arte do Jogo do Pau, como já se verificou, sempre foi rude e viril e dominada por praticamente todos os rapazes, mesmo longe da sua terra natal soube resolver a quezília com a maestria enraizada na sua cultura. O autor refere ainda o “varrer a festa”, termo utilizado na época quando em qualquer romaria ou feira se verificavam acertos de contas, onde o pau era a arma utilizada. Nestas feiras e romarias era normal estes varrimentos, todavia não em Pequim. E sendo assim:

“Queixa do almirante à Legação. E lá vai o Sr. Ventura, o diplomata da firma, prometer providências radicais. Mas o Pereira estava seguro da sua razão. (...) O alentejano acabou por concordar. Em todo o caso, deu conselhos de sócio capitalista:

- Por esta vez está bem. Mas tens de ter cuidado.

O do Minho baixou a cabeça respeitoso.

No dia seguinte era domingo, e o Sr. Ventura, como de costume, fazia de criado de mesa. E como aparecesse de novamente marujos americanos, o alentejano tentou apaziguar os ânimos, não consentindo que o Pereira arredasse pé das panelas. Mas o Tio Sam vinha com ela atravessada na garganta. Queria vingar os camaradas. E tanto disseram, tanto provocaram, que em dado momento o Sr. Ventura perdeu a cabeça e gritou lá para dentro:

- Ó Pereira, anda aqui dar uma ajuda!

Caiu o Carmo e a Trindade. Um da direita e outro da esquerda, às cacetadas a eles, não deixaram cabeça sem sangue nem garrafa inteira.

No fim o Pereira não se conteve:

- Ora aí têm para ver como elas cantam!...

O Sr. Ventura olhou o recheio da casa espatifado, parou os olhos no do Minho, e sorriu.

- Não há dúvida. O pior é o resto.

De facto, daí a pouco, havia nova queixa do almirante à Legação (...) O Ministro exigia que o alentejano acabasse com a loja de vez:

- Acabada está ela por natureza – respondeu, a coçar a cabeça o Sr. Ventura. Aquilo não foi sarrafusca: foi um terramoto que nem o cuco do relógio deixou inteiro”

Pelo texto transcrito não restam dúvidas de que as quezílias, fossem elas de que tipo fossem, se resolviam à paulada. Quando os americanos tiveram a intenção de “vingar os camaradas” até o alentejano entrou na luta com o minhoto. Nada ficou de pé, tendo terminado o negócio do restaurante, mas a honra dos portugueses mantinha-se intacta, transmitida pela frase do minhoto “ora aí têm como elas cantam!...”

Na segunda parte deste conto, os dois amigos partem para a Mongólia, onde o Pereira vem a perder a vida. O autor, faz aqui uma reflexão:

“Aqui, a minha imaginação detém-se um pouco. O meu D. Quixote perdeu o Sancho, e é português.”

Miguel Torga parece querer dar a entender que o Sr. Ventura, o alentejano, encarna a alma lusa enquanto o Pereira, o minhoto será sempre o seu fiel servidor.

Com a morte do minhoto, as cenas do Jogo do pau neste conto desaparecem, pois era ele o grande mestre desta arte, sempre mais desenvolvida no norte e regiões serranas do que nas planícies do sul de Portugal (Torga, 1943).

2.2. *A Sibila* – Agustina Bessa Luís (12^o edição – 1995)

Agustina Bessa Luís, cujo nome completo é Maria Agustina Ferreira Teixeira Bessa Luís, nasceu a 15 de Outubro de 1922 em Vila Meã, perto de Amarante. Faleceu na cidade do Porto, a 3 de junho de 2019.

Desde muito nova que se interessou por livros, começando por ler alguns da biblioteca do avô materno. Foi através destas primeiras leituras que tomou contacto com alguns dos melhores escritores franceses e ingleses. Em 1932 vai para o Porto estudar, onde passa parte da

adolescência, fixando-se em 1945 em Coimbra, onde publicou o seu segundo romance, *Os Super-Homens* (1949). Anteriormente já tinha escrito uma outra obra, intitulada *Mundo Fechado* (1948).

Os seus primeiros livros foram elogiados por autores consagrados como Aquilino Ribeiro, Ferreira de Castro e Vitorino Nemésio. Em 1954, com *A Sibila*, destacou-se como uma das mais importantes escritoras de literatura portuguesa contemporânea.

Ao longo da sua vida, contactou com vários escritores, como Vergílio Ferreira, José Régio, Eugénio de Andrade, Vitorino Nemésio, Jorge de Sena, Sophia de Mello Breyner, entre outros.

Alguns dos seus romances foram adaptados ao cinema por Manoel de Oliveira.

Recebeu em 2004 o prémio Camões.

Em *A Sibila*, geograficamente remete-nos para um ambiente eminentemente rural, com todas as características do norte de Portugal, sendo que, pelo rigor da descrição da sociedade, da paisagem, da gastronomia e mesmo alguns topónimos usados, tudo leve a acreditar que a autora se inspirasse na sua terra natal.

O romance enfatiza o mundo fechado das sociedades campestres, onde homens e mulheres têm visões diferentes sobre o universo que os rodeia. As mulheres aparecem em duas vertentes, as que são lutadoras e determinadas e aquelas que se deixam enredar pelos homens apenas pela sua aparência e claro pela sua arte do manejo do pau. O romance inicia com a figura de Francisco Teixeira e um pedido de casamento a Maria. O casamento realiza-se após nove anos, continuando o noivo a ser um galã e a percorrer feiras, onde se evidenciava pela sua arte no jogo do pau (Bessa Luís, 1995).

“Subitamente, um redemoinho de desordem ferveu, alastrando logo com o correr de cachopos que se arrastavam sob as pernas do povilém, e o escândalo ainda morno, ainda lento, das mulheres que reajustavam na nuca os lenços de algodão e buscavam no poial das portas um degrau seguro para abrigadamente presenciarem. Mas a luta embraveceu, magotes como vagas chocaram-se, confluindo das margens do lago ouvia-se entre gritos o seco rumor dos paus que embatiam, estalavam, eram lançados longe, caindo sobre as tendas ou arraiais das louceiras. E, então, numa clareira que se foi desenhando mais vazia, mais circular, destacou-se o pequeno vulto de Francisco Teixeira que avançava, grave e tranquilo, repelindo à sua volta o erizado dos marmeiros que combatiam, iam cedendo, recuavam, dispersando nas alas da multidão que se agitava, ondulando como um corpo que voga na maré. Havia sangue;”

Maria tem uma vida dura, já que Francisco Teixeira não é homem de uma só mulher. Com a sua maestria consegue atrair as moças, mas delas rapidamente se cansa, voltando a casa altas horas da noite. Maria irá aguentar esta sua vida, chegando a ter três filhos, com a ajuda de uma prima que lhe vai dando sábios conselhos. Assunto que Maria não gosta de falar é sobre o bandido Zé do Telhado. Esse tal bandido que ficou conhecido por roubar aos ricos para dar aos pobres e ter estado preso com Camilo Castelo Branco na Cadeia da Relação do Porto.

“*Que me interessa essa gente? -dizia. A quem pode interessar o José do Telhado.*

Maria fazia má cara, como sempre, a esta referência ao famoso quadrilheiro, outrora amigo íntimo e mestre de jogo do pau de Francisco Teixeira. (...) tinham ambos conservado uma discreta amizade, um fundo de tolerância mútua, que se compreendia sem se comprometer.”

Todo o romance se desenrola no norte de Portugal, descrevendo bem um mundo campesino, fechado, onde homens e mulheres adquiriam forças díspares. Se, por um lado, o homem se impunha pela lei da força, a mulher demonstra uma capacidade de resiliência que lhe permite a sobrevivência e mesmo a gestão da casa que, a caminho da falência, consegue reerguer através da sua astúcia para a administração quotidiana, na dura vida campesina, contra todas as vicissitudes a que estava sujeita, por um mundo dominado pela força dos homens (Bessa Luís, 1995).

2.3. *Como ela o amava!* (conto inserido na obra *Noites de Lamego*) – Camilo Castelo Branco (2ª edição – 1999)

Camilo Castelo Branco nasceu em Lisboa, no dia 16 de março de 1825 e faleceu no dia 1 de junho de 1890 em São Miguel de Seide, Vila Nova de Famalicão. Era filho ilegítimo de Manuel Joaquim Botelho e Jacinta Maria. Passou a infância em Vila Real (Trás-os-Montes).

Teve uma vida romanticamente agitada, com vários casos amorosos, dos quais se destaca o romance vivido com Ana Plácido. O facto de ser um amor proibido levou os dois amantes à prisão.

Camilo para poder sustentar a família que constituía com Ana Plácido passa a escrever a um ritmo alucinante.

Ao saber-se cego, suicida-se com um tiro na cabeça, na sua casa de São Miguel de Seide.

Notabilizou-se com várias novelas, destacando-se *Amor de Perdição*, adaptada diversas vezes ao cinema.

Neste conto, Camilo Castelo Branco transporta-nos até Cavez, freguesia de Cabeceiras de Basto. Retrata os amores de Isabelinha do Reguengo, moça bem-parecida e considerada como boa lavradeira. Na realidade, Isabelinha é disputada por dois homens. Quezília esta que por norma se resolvia com um bom jogo do pau.

Na noite de São Bartolomeu, de 23 para 24 de agosto, dia da festa em Cavez, irá aprazar-se o acerto de contas. Na verdade, a moça começara um namoro com um morgado, José Pacheco de Andrade, filho do capitão-mor de Basto, sendo que tudo apontava que o teria trocado por Vítor de Mondim. Como se irá constatar no final, Isabelinha do Reguengo mantinha em segredo um terceiro e verdadeiro amor com João Lobo de Cerva, que irá integrar o grupo do morgado (Castelo Branco, 1999).

“(...) oito dias antes mandara demolhar em poças um braçado de paus para lhes dar elastério e assim cingirem-se melhor com as costas das vítimas. (...)”

Por nove horas da noite do dia 23, saímos em malta, caminho da ponte de Cavez, uma légua distante. Por volta das onze da noite fizemos alta numa aldeia chamada Arosa, vizinha dos montados por onde se estendia o arraial. Ali se reuniu connosco uma esturdiada que vinha de Cerva, e nesta os mais graúdos brigões da comarca (...)

O morgado Pacheco de Andrade abraçou o maioral de turba e concertou o plano de batalha.

Dizia o de Cerva:

- Eu quero ver-me peito a peito como Vítor de Mondim!

- Que tens tu contra ele? – perguntou o morgado

- Tenho que conversei dois anos com Isabelinha do Reguengo; depois ela deixou-a à minha conta e voltou-se para mim. E vai ele, na Feira de S. Miguel, caiu sobre mim mais vinte dos dele. Fiz face a todos, enquanto o pau não estalou na cabeça de um. Depois cai debaixo de um bosque e estive à morte. Aqui tem o Sr. Morgado o que tenho contra ele.”

Neste pequeno excerto tiraram-se, desde logo, três realidades. A primeira ainda hoje é praticada, o facto de demolhar os paus. Se bem que fiquem mais pesados, torna-os maleáveis, partindo-se com menor frequência quando as pancadas são fortes e certas.

Em seguida é referida a Feira de S. Miguel, a maior festa do Concelho de Cabeceiras de Basto, onde normalmente eram feitos os acertos de contas. Tal como refere Camilo Castelo Branco, já no ano anterior um varrimento de feira aqui se tinha verificado entre Vítor de Mondim e João Lobo. Este último dera luta até partir o seu próprio pau. Segundo o código de ética destes confrontos, as lutas neste momento ficavam suspensas, ninguém atacava inimigo que não tivesse pau na mão.

“Tinba começado a luta.

A ronda de Cerva avançava da parte dalém; a de Mondim, recebendo aquele movimento como sinal de batalha, avançou também. (...) De repente, os de Cerva fizeram pé atrás; os de Mondim também. E por momentos reinou um silêncio, que devia ser como a serenidade de um céu torvo de borrascas na intercadência de dois raios. Que suspensão fora aquela? (...) Isabel do Reguengo se lançara entre as vanguardas dos combatentes e bradara: matem-me a mim primeiro!”

A força das mulheres está transmitida neste ponto. Bastou a intervenção de Isabel que, se interpondo no meio da batalha, colocava a sua própria vida em risco, logo o ajuste de contas ficou suspenso.

“Ai por volta das três horas vieram parlamentários dalém, propondo passagem livre das rondas de parte a parte. O morgado tomou a si o encargo de responder tartamudeou:

- Não há convenções! O mundo acaba-se aqui hoje!

(...)Os parlamentários foram repetir com gravidade as palavras (...)

Tentada a concórdia entre as partes, pois já se previa um final trágico, os do lado do morgado de Basto, onde se incluía João Lobo, logo declararam não aceitar qualquer acordo. Nem que o mundo terminasse naquele dia. A honra tinha de ser vingada.

Rapazes! à ponte!

Ergueram-se todos (...)

- A eles!

Uma voz estridente se fez ouvir por sobre a algazarra dos brados e toada da música. Era Vítor de Mondim que bradava:

- João Lobo de Cerva!

- Quem me chama?

- É Vítor de Mondim.

- *Aqui estou.*
 - *Se és homem, sai sozinho, que eu também saio ao meio da ponte.*
 - *Nunca o Diabo te mostrou homem mais homem! Ai vou.*
 Isabel laçou-se-lhe ao pescoço, dando vozes de aflição e ternura. Ele repeliu-a com desamor de inimigo, exclamando:
 - *Que diabo me pedes tu mulher? Queres que eu caia aqui de vergonha?*
 (...)
 - *Não há-de ser tua nem minha! – disse Vítor*
 - *Tua, por Deus te juro que não será! – respondeu Lobo*
 E a um tempo, desfecharam; e, a um tempo, bateram em terra os dois moribundos arquejantes.”

Naquele ano, a feira de S. Bartolomeu ficou marcada pela morte dos dois pretendentes de Isabel do Reguengo, num acerto de contas sobre a ponte de Cavez, forma tradicional de resolver qualquer quezília no Norte de Portugal e muito em particular no Concelho de Cabeceiras de Basto (Castelo Branco, 1999).

3. Rota do Jogo do Pau em Cabeceiras de Basto

Importa nesta rota realçar lugares ligados ao Jogo do Pau, património imaterial, marca distintiva do concelho de Cabeceiras de Basto.

Um itinerário ou rota apresenta-se como uma ferramenta pertinente na estruturação do destino turístico, rentabilizando e promovendo os espaços, criando uma oferta que proporcione o desenvolvimento económico, social e cultural dos seus habitantes (Ferreira, Aguiar, & Pinto, 2012).

As rotas e itinerários têm vindo a demonstrar uma capacidade excelente na atração de turistas, conduzindo-os atrativamente por paragens singulares, permitindo, através das novas tecnologias, que cada turista vivencie estas experiências ao seu ritmo e com o seu próprio espírito de descoberta (Aguiar, 2015).

Segundo Figueira (2013), num país ancestral como Portugal, com tradições enraizadas na sua geografia humana, como é o caso do Jogo do Pau em Cabeceiras de Basto, a sua história e as narrativas de quem vivenciou os factos não podem deixar de estar presentes nesta tipologia de rotas, pois são o ponto mais diferenciador e que mais encanta o turista que as percorre (Figueira, 2013).

Apresenta-se, então, uma rota que irá percorrer os principais pontos de interesse para o Jogo do Pau neste concelho, realçando não só o património natural que está intrinsecamente ligado com a tradição aqui representada, bem como todo um património cultural rural, dado esta arte ter tido origem nas sociedades campestres. No entanto, pelas representações que os autores nos foram transmitindo e igualmente pelos conhecimentos adquiridos em trabalho empírico e revisão de bibliografia, abordam-se, também, algumas das principais romarias, já que era aqui que realizavam os grandes acertos de contas e o “varrimento de feiras” que tanto marcam esta tradição secular.

3.1. Proposta de Rota para 4 dias

Saindo da cidade do Porto em pouco mais de 1h chegará a Cabeceiras de Basto. Seguindo pela autoestrada A3 com saída para a A7 e na saída 12 tomar a direção de Cabeceiras de Basto, Arco de Baúlhe e finalmente Cavez.

Tabela 1: Esquema proposto para os 4 dias da visita

Dia	Atividade	Alojamento
1º dia	Arco de Baúlhe e Cavez	Ponte de Cavez Country House
2º dia	Abadim	Casa da Cândida
3º dia	Bucos	Quinta do Raposinho
4º dia	Cabeceiras de Basto	Regresso ao Porto

1º Dia – Chegada prevista a Arco de Baúlhe pelas 10.00h

Chegado a Arco de Baúlhe, dirija-se ao Núcleo Ferroviário que integra o Museu de Terras de Basto.

Este núcleo museológico tornou-se, na atualidade, uma memória de tempos em que o comboio trouxe prosperidade às terras de Cabeceiras de Basto. De igual forma, de comboio partiram muitos dos seus filhos, bons mestres na arte de domínio do pau, emigrando em busca de melhores condições de vida. Para além das peças museológicas, não deixe de apreciar a arte azulejar patente em todo o edifício da antiga estação de caminho de ferro, hoje transformada em museu (Fernandes, 2013).

Almoce no restaurante O Paço, em Arco de Baúlhe.

Após o almoço tome a direção de Cavez. Esta freguesia situa-se na zona ocidental do concelho de Cabeceiras de Basto, fazendo fronteira com Ribeira de Pena já no distrito de Vila Real (Trás-os-Montes). Esta vizinhança terá talvez marcado fortemente toda a história que envolve a Ponte de Cavez, o próximo local a visitar. A Ponte foi classificada monumento nacional em 19102 (DGPC, 2021). A sua construção é atribuída a Frei Lourenço Mendes, que pretendeu substituir uma velha ponte de madeira por uma sólida construção em granito. Esta construção não foi pacífica entre os pares, angariando esmolas e donativos para atingir o seu objetivo. Talvez este motivo tenha provocado o aparecimento da lenda sobre o local exato para a sua construção. Este terá sido alterado por duas vezes, já que sempre que a obra se iniciava, uma voz surgia dizendo “Aí não, mais abaixo, mais abaixo...”

Assim, os trabalhos iam recomeçando, até que em Cavez a voz não se fez ouvir. Tendo ficado pronta a obra e retirados todos os suportes aos arcos de que era composta, logo se verificou ser sólida, apesar de, durante a sua construção, se constar que cairia rapidamente. Tal foi a alegria de frei Lourenço Mendes que morreu subitamente sob os arcos da ponte.

O povo pretendeu, então, prestar-lhe a devida homenagem e aí mesmo o sepultou num túmulo onde foram gravadas as inscrições “Esta é a Ponte de Cavez aqui jaz quem a fez” (Fernandes, 2013).

A ponte manifestamente de perfil gótico apresenta um total de cinco arcos, com três centrais quebrados, sendo os dois das margens de volta perfeita (DGPC, 2021) É

² Decreto 16-06-1910 DG n.º 136.

ainda possível identificar mais de uma vintena de marcas de pedreiros que aqui trabalharam (DGPC, 2021). Pena é que o conjunto que nos resta para apreciar atualmente tenha sofrido restauros que lhe transfiguraram significativamente a sua traça original (Fernandes, 2013). Do lado da aldeia de Cavez, bem junto à ponte, situa-se a “Casa da Ponte”. Propriedade particular é lá que se situa a capela de S. Bartolomeu, santo este conhecido por afastar os espíritos malignos, imprescindível para a romaria que aqui se realiza todos os anos na noite de 23 para 24 de agosto³. Do outro lado da ponte, uma fonte de água sulfurosa é conhecida por curar praticamente todos os males, ficando, esta água, particularmente forte para quem a beber neste dia de S. Bartolomeu.

Nesta conjuntura, se romarias e festas já eram propícias a acertos de contas, na romaria de S. Bartolomeu, sobre a Ponte de Cavez, tornaram-se afamadas as cenas de pauladas e pancadarias. De um lado, a população gritava “vinde ao Santo, vinde ao Santo”, do outro respondiam “vinde à fonte, vinde à fonte”.

Mas tudo aqui ficava acertado. Como se constatou no conto de Camilo Castelo Branco, nem por amor a uma mulher não se fez convenção! Que se acabasse o mundo ali!!!

Após as vivências de pauladas e exorcismos do Santo e de águas sulfurosas, recomenda-se o descanso no alojamento Ponte de Cavez Country House. Esta casa de campo está situada entre duas serras, oferecendo uma vista privilegiada sobre o rio Tâmega. Um refúgio em contacto direto com a Natureza, é um destino perfeito para umas férias ou um fim de semana relaxantes.

2º dia – Partida para Abadim

Após o pequeno-almoço siga na direção de Abadim. Irá ficar instalado na Casa da Cândida. Situada na Serra da Cabreira, num Minho quase transmontano, a Casa Cândida é uma casa do século XVIII, tipicamente minhota. Com interiores luminosos, amplos e elegantes, irá recebê-lo com um serviço personalizado, tendo à sua espera um piquenique para levar consigo na sua próxima caminhada.

Instale-se, coloque uns sapatos e roupa confortáveis, pegue na mochila que lhe foi preparada com o seu almoço e lanche. Tome lugar no todo terreno que está preparado para o levar até aos Moinhos de Rei e à Levada de Víbora. A Levada de Víbora alimentou cerca de 28 moinhos, embora atualmente só existam 26, prolongando-se ao longo de uma extensão de 5,3 Km, sendo abastecida pela água da Ribeira de Busteliberne, chegando até Abadim, onde possui uma área de rega de 130 campos, pertencentes a cerca de 60 regantes.

A origem da levada e seus moinhos está envolta em mistério. Em estudos mais aprofundados, após consulta de documentação na Torre do Tombo, tudo leva a crer que terão sido mandados construir por D. Dinis. Nas inquirições de 1778, o Padre Luís Cardoso, refere a colheita de algum centeio e milho mais. Existe, ainda, registo de obras na levada no ano de 1900 (Fernandes, 2013).

Independentemente de toda a história, atualmente estamos perante um lugar bucólico e aprazível para uma caminhada a pé. A proposta para este 2º dia de rota do Jogo do Pau é percorrer o caminho da levada que serve os 12 moinhos situados junto à entrada do lugar de Abadim, visitando, também, um pequeno lugar. Não deixe de desfrutar da paisagem e da natureza que o envolve. Deve refletir sobre a levada que prosseguia com a função de rega de 130 campos. Quantas quezílias não terão sido resolvidas à paulada, em acertos de contas, por desvios de águas indevidos ou qualquer outro motivo evocado!!!!

Basta ir percorrendo o caminho, pensando em tudo quanto leu sobre esta maestria e logo se sentirá no meio natural onde o Jogo do Pau teve as suas raízes.

Chegado à entrada de Abadim o todo terreno aguarda-o. De regresso ao alojamento fará uma passagem por algumas casas marcantes de Abadim.

A Casa da Torre de Abadim, além do seu valor patrimonial, terá funcionado como casa de justiça e cadeia do couto de Abadim.

A Casa da Ramada destaca-se num conjunto de outras casas apalaçadas desta freguesia. Esta possui ainda o espigueiro e a eira datados do século XVII, mas que terão recebido obras no decorrer do século XIX, o que comprova a cultura do milho e a importância da levada e dos moinhos tão próximo (Fernandes, 2013).

De regresso ao alojamento, prepare-se para um jantar gastronómico regional acompanhado pela vivência de uma demonstração do Jogo do Pau. Os jovens jogadores do pau da ARDCA irão fazer uma apresentação desta arte. Trata-se de um grupo criado em 2015 por antigos jogadores do pau, mas que foi passando a sua maestria aos mais jovens. Atualmente a larga maioria dos jogadores são rapazes e raparigas, netos, filhos ou sobrinhos desses antigos jogadores e que tudo fazem para manterem a cultura e tradição dos seus antepassados. Contam, para tal, com o apoio da Associação, da Junta de Freguesia e da Câmara Municipal.

3º dia – Partida para Bucos

Após o pequeno-almoço dirija-se à pequena aldeia de Carrzedo de Bucos. Esta aldeia situa-se nas fraldas da Serra da Cabreira, a uma altitude de mais ou menos 700 metros. Em Carrzedo poderá apreciar um conjunto diversificado de casas de lavoura, desde as mais imponentes às mais modestas. O centro da aldeia está organizado num interessante anfiteatro composto por um conjunto de casas de pedra. Junto ao ribeiro, existem vários moinhos, alguns já desativados, símbolo da economia agrícola da aldeia em tempos idos, onde predominava a cultura do milho, a par com a criação de gado bovino de raça barrosã e também rebanhos de borregos e ovelhas, importantes para a criação de estrumes utilizados na fertilização dos campos (Fernandes, 2013).

Em plena Serra da Cabreira era normal os homens pastarem os seus rebanhos durante o dia, fazendo-se acompanhar do pau, com que se defendiam de qualquer ataque, fosse de um animal feroz ou de algum acerto de contas. Segundo os testemunhos recolhidos pelo autor em trabalho de campo, os pastores, para matarem o tempo,

³ Os proprietários abrem a capela ao público nesta noite de romaria para que todos acedam ao Santo.

jogavam ao pau entre si, aproveitando, deste modo para desenvolver técnicas cada vez mais apuradas de ataque e defesa.

Ainda em Carrazedo não deixe de visitar os espigueiros existentes, dos quais se destaca aquele que é considerado o maior de Portugal, com 29,40m de comprimento, assente em 12 pares de pés, com um ripado vertical, telhado de duas águas e capacidade para 30 carros de milho (Fernandes, 2013).

Para o almoço sugere-se que suba um pouco até à aldeia de Agra, já no concelho vizinho de Vieira do Minho. O restaurante Agra na Boca tem uma vasta oferta de pratos de comida regional. Após o almoço aproveite para fazer uma caminhada num dos pequenos trilhos de montanha que partem desta aldeia.

Desça até Bucos e visite a Casa da Lã.

Como já salientado, os rebanhos de ovelhas eram pastoreados por homens, mas as mulheres tomavam na economia doméstica um importante papel, ao transformar a lã das ovelhas em mantas, meias, capas e outros acessórios importantes para a defesa do frio da montanha, que vendiam, obtendo, assim, um rendimento suplementar aos poucos recursos domésticos. Para muitas, este rendimento serviu para comprar o seu primeiro fio de ouro ou o seu primeiro relógio (Fernandes, 2013).

Na Casa da Lã recupera-se toda a tradição deste penoso trabalho que, na atualidade, começava a cair no esquecimento. Quem aqui vem trabalhar diariamente lembra-se bem dos tempos em que tudo se fazia manualmente. Entre e desafie-se na experiência de alguma tarefa, ajudado pelas mãos hábeis das artesãs, tal como fiar, dobar ou tecer num tear manual. No final, leve uma pequena lembrança deste dia e do seu contacto com as artesãs e adquira uma peça em lã.

Na saída... Delicie-se com a maestria do Grupo do Jogo do Pau de Bucos. Apresentam um jogo rude e viril, atingindo velocidades estonteantes com o pau, quer nos ataques quer nas defesas. A excelência das suas apresentações só é possível pelo rigoroso treino e elevado esforço que fazem para manterem a sua cultura e tradição.

O Grupo de Jogo do Pau de Bucos está integrado na Associação Desportiva e Cultural de S. João Baptista de Bucos, desde 1980. A partir daí, e através do empenho e dedicação dos “mestres” Ordes Oliveira e Manuel Urjais, o Grupo de Jogo do Pau de Bucos jamais parou, esforçando-se afanosamente por mostrar, do modo mais genuíno possível, a técnica nortenha do jogo do pau. As suas “pauladas” têm soado por todo o país e até no estrangeiro, atuando em feiras, festa, romarias e outras manifestações culturais.

Após esta atuação parta em direção ao alojamento, situado perto de Cabeceiras de Basto. Ficará instalado na Quinta do Raposinho, onde após um dia tão longo e com um final pleno de adrenalina os proprietários lhe irão preparar um jantar tradicional típico de um proprietário rural abastado de Basto: caldo verde; alheira à caçador com batatas a murro e para finalizar um típico doce de Cabeceiras de Basto “Miguelitos”.

4º dia – Cabeceiras de Basto

Tome o seu pequeno-almoço, desfrutando da tranquilidade e do contacto com o campo que o alojamento lhe oferece.

Siga em direção ao centro da vila de Cabeceiras de Basto, sede do concelho. Insere-se na União de Freguesias de Refojos de Basto, Outeiro e Painzela.

No centro da vila dirija-se ao Mosteiro S. Miguel de Refojos, não sem antes apreciar o jardim que se encontra mesmo em frente.

A origem deste Mosteiro está comprovada por documentos que remontam ao reinado de D. Afonso Henriques. Mas os anos de apogeu económico da Ordem Beneditina só chegariam no final do século XVI / início do século XVII, com a integração de Refojos na Ordem Beneditina Portuguesa. A igreja apresenta uma planta de cruz latina com inúmeros altares e sanefas em talha dourada e um cadeiral do coro em madeira fina bem trabalhada, à semelhança do mosteiro de Tibães. As obras da Igreja nova só terão terminado no final do século XVIII, dadas as características barrocas e rococó que apresenta (DGPC, 2021).

Após a extinção das ordens religiosas, o Mosteiro foi dividido, sendo que atualmente a Igreja, a Sacristia e o Teto de uma das salas do mosteiro são considerados imóvel de interesse público. Está, no entanto, a decorrer a candidatura a Monumento Nacional.

Nas áreas restantes do convento funciona um colégio e serviços camarários. A não perder tem ainda um núcleo museológico de Arte Sacra.

Terminada a visita ao Mosteiro, vá até à Casa do Tempo. Situa-se mesmo nas traseiras do Mosteiro e foi reconstruída nas antigas casas dos caseiros da Quinta do Mosteiro. Foi inaugurada em 3 de agosto de 2013, com a marca “Conhecer é lembrar” (CMCB, 2021).

O seu espólio é composto essencialmente por um rico património rural que, é sem dúvida, a marca identitária deste concelho e que proporcionou o desenvolvimento da tradição distintiva que hoje procura ser reconhecida como Património Imaterial de Portugal – o Jogo do Pau.

Através das novas tecnologias, a Casa do Tempo é um lugar interativo, preparado para dar toda a informação turística, mas principalmente para que os visitantes, além das peças, tenham a oportunidade de assistir a vídeos com memórias registadas de quem sempre viveu a vida campesina, bem como vivências de momentos marcantes desta vida rude e difícil, tal como ceifas, desfolhadas ou chegadas de bois (CMCB, 2021).

Não deixe de se inteirar sobre a festa de S. Miguel, que se realizam anualmente de 20 a 30 de setembro. De raiz medieval, tornou-se afamada no século XIX. A época do ano em que decorrem coincide com o início das colheitas restavam, pelo que, além de ser importante escoar a venda de produtos que ainda em armazém, era um momento lúdico propício à paragem dos afazeres dos campos por alguns dias. Erguiam-se barracas de compra e venda de todo o tipo de utensílios e também de comes e bebes, faziam-se bailes e cantava-se à desgarrada.

Como todas as romarias, a festa de S. Miguel, tão bem retratada nos contos de Camilo Castelo Branco, era também local para acertos de contas, pelo que quase sempre terminava num “varrimento de feira”, onde se procurava sanar as quezílias de um ano. Quando assim não acontecia, como se verificou no conto de “Como ela o amava!”, o acerto de contas transportava-se para a romaria seguinte. Bastava que um deles partisse o pau e ficasse sem

a arma ou a guarda intervisse pondo fim a este confronto (Fernandes, 2013).

Terminada a visita à Casa do Tempo, dirija-se para o Restaurante Cozinha Real. Pode seguir a pé, pois situa-se muito próximo.

No final do almoço, dê uma última volta pelos jardins e regresso ao Porto.

Após toda esta rota é nossa convicção que irá regressar em breve a Cabeceiras de Basto, irá querer vivenciar de novo a adrenalina de uma exibição do Jogo do Pau e não deixará de querer conhecer as restantes freguesias do concelho, que igualmente tanto têm para lhe oferecer.

Conclusão

Com o presente artigo pretendeu-se demonstrar que a arte do Jogo do Pau é efetivamente uma marca distintiva do concelho de Cabeceiras de Basto. Percorrendo apenas quatro das suas freguesias, em todas elas foi possível encontrar marcas da vida campesina e de pastoreio que proporcionou o desenvolvimento da maestria e a criação de técnicas e táticas, surgindo, assim, mestres praticamente imbatíveis.

Tornou-se interessante apresentar um breve corpus literário para que o nosso leitor e eventual utilizador da rota tenha a verdadeira noção de quanto esta arte tinha impacto nas sociedades campesinas e como escritores de renome a conheciam e a souberam retratar nos seus romances de uma forma tão realista. Saliente-se que a escolha foi difícil, dado o elevado acervo de romances que retratam esta arte. A escolha recaiu em Miguel Torga, por transportar as pauladas bem longe do seu território de origem, vincando como a arte depois de apreendida fica no sangue de qualquer bom filho da terra. Augustina Bessa Luís deu voz às mulheres, por vezes esquecidas, perante a força imposta no masculino. Por último, Camilo Castelo Branco transportou-nos com todo o realismo até Cavez, local onde verdadeiramente se dá início à rota do Jogo do Pau.

Nos quatro dias da rota foram evidenciados os principais locais que marcam distintivamente a ruralidade deste concelho, comprovando: na freguesia de Cavez, a ocorrência de muitos acertos de contas na sua ponte; em Abadim, uma levada para abastecer inúmeros moinhos e regar diversos campos, que provocou barulhos entre vizinhança e consequentes pauladas, daí o grupo do Jogo do Pau de Abadim ter imensos jovens que se dedicam à manutenção da tradição e cultura dos seus antepassados; e finalmente em Bucos, onde se visitou a Casa da Lã e assistiu-se à exibição do Grupo do Jogo do Pau de Bucos, onde a excelência dos seus executantes tira o fôlego a quem observa a demonstração. Fruto de muita dedicação e empenho em manter a sua cultura, este grupo mantém efetivamente uma atuação rude e viril característica do jogo cabeceirense.

Para finalizar, visitou-se o centro da vila, o seu Mosteiro e a Casa do Tempo, esta última essencial para visionar alguns filmes sobre a vida campesina de eras passadas. Tomou-se conhecimento sobre a Festa de São Miguel, desde as suas origens até ao seu apogeu no século XIX e início do século XX, onde quase sempre terminava com um varrimento de feira. Nada a que o povo não estivesse habituado, sendo que uma boa feira necessariamente teria que ter um acerto de contas.

Estes acertos de contas foram proibidos por volta dos anos 50 do século XX, tendo a guarda o cuidado de retirar os paus a todos quantos entravam no recinto das romarias e feiras. A partir daí esta arte passou a ser apenas de exibição, a ser cultura e tradição. É esta arte, e somente esta, que se pretende preservar através da candidatura a decorrer em Cabeceiras de Basto a Património Imaterial de Portugal.

Referências

- AGUIAR, L. (2015), *Routes de la contrebande dans les régions frontalières Galice-Portugal (Melgaço): la musealisation de la mémoire et des traditions*, Tese de Doutoramento, Girona, Universidade de Girona.
- BESSA Luís, A. (1995), *A Sibila*, Guimarães, Guimarães Editores.
- CAÇADOR, A. N. (1963), *Jogo do Pau: Esgrima Nacional*, Lisboa, Tipografia Almeida.
- CASTELO BRANCO, C. (1999), “Como ela o amava!”, cit em *Noites de Lamego*, Lisboa, Publicações Europa América.
- CMCB – CÂMARA MUNICIPAL DE CABECEIRAS DE BASTO (s/d), *Casa do Tempo*, [Consult. a 12/10/2021.]. Disponível em: <https://cabeceirasdebasto.pt/equipamentos-publicos-casa-do-tempo>.
- DGPC – DIREÇÃO GERAL DO PATRIMÓNIO CULTURAL (s/d), [Consult. a 05/10/2021]. Disponível em: <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/>.
- FERNANDES, I. M. (2013), *Cabeceiras de Basto: História e Património*, Cabeceiras de Basto, Câmara Municipal de Cabeceiras de Basto.
- FERREIRA, L.; AGUIAR, L.; PINTO, J. (2012), “Turismo Cultural, Itinerários Turísticos e impactos nos destinos”, in *Cultur: Revista de Cultura e Turismo*, ano 06, n.º 02, pp. 109-126.
- FIGUEIRA, L. M. (2013), *Manual para a elaboração de Roteiros de Turismo Cultural*, Tomar, Instituto Politécnico de Tomar.
- HOPFER, F. (1924), *Duas palavras sobre o jogo do pau*, Lisboa, J. Rodrigues & C.ª.
- LOPES, P. (2020), *O Jogo do Pau Português – A arte marcial portuguesa, uma tradição com séculos de prática*, Porto, Editora 5 Livros.
- RUSSO, N. (1980), “O Jogo do Pau”, in *Intervenção – Revista de animação sócio-cultural*, janeiro/fevereiro (14), pp. 23-27.
- TORGA, M. (1943), *O Senhor Ventura*, Coimbra, Atlântica.